

## A Literatura Norteamericana no Brasil

### I

**C**ONVIDO a que me acompanhem num vôo rápido ao estado de Minas Gerais do fim do século dezoito. Sem dúvida nos teria acontecido ouvir, numa taberna qualquer, de Vila Rica, digamos, um jovem animado, asseverar orgulhosamente que “o País de Minas Gerais era o melhor do Mundo” e devia ser “uma república livre e florescente como a dos americanos ingleses.” E si pudéssemos ter acompanhado êsse profeta dinâmico nas suas peregrinações febris duma a outra povoação mineira, o teríamos ouvido repetir muitas vêzes, em casas particulares, quartéis e ondequer que houvesse público, a sua crença de que Minas Gerais “podia bem ficar independente assim como faz a América inglesa.” Mas sabemos quem, já há mais de um século e meio, no interior da região-berço da Independência do Brasil, vinha incitando seus conterrâneos a que seguissem o exemplo então recente da jovem república do norte. Refiro-me ao alferes Joaquim José da Silva Xavier, mártir da Inconfidência Mineira, mais devotamente lembrado pelo nome célebre de “Tiradentes.” Ele estava planejando o estabelecimento dum govêrno republicano, conspiração malograda que lhe ia custar a vida.

Sabe-se que para Tiradentes a emancipação dos Estados Unidos passou a ser quase uma obsessão que êle nunca perdeu o ensêjo de invocar. Também é sabido que levava consigo, em suas viagens a cavalo, um livro que, pode dizer-se, constituiu um dos primeiros laços entre o Brasil e os Estados Unidos. Escrito em francês, e publicado na Suíça em 1778, o título reza em português: *Coleção das leis constitutivas dos Estados Unidos da América, acompanhada da Declaração da Independência e de outros atos do Congresso Geral.*

E sabemos que Tiradentes procurava amigos, pedindo-lhes que traduzissem capítulos desse livro como também dos livros ingleses “que diziam respeito a coisas da América.”<sup>1</sup> Graças, pois, a essa obra em francês, um de nossos primeiros monumentos literários — a *Declaração da Independência* — transmitiu sua mensagem aos próceres dum Brasil que aspirava libertar-se das cadeias lusitanas. Não sabemos se já naquela época tinham sido traduzidos ou publicados em português quaisquer desses documentos constitucionais norteamericanos;<sup>2</sup> mas é certo que os mesmos influíram poderosamente sobre algumas das figuras mais ilustres daquela página gloriosa da história do Brasil, o que é manifesto nas frequentes referências à emancipação americana nos depoimentos da Inconfidência Mineira de 1789. Remonta, pois, à época de Tiradentes, o começo das relações intelectuais e culturais entre o Brasil e os Estados Unidos da América do Norte.

Voltemos agora a nossos dias para verificar até que ponto elas se têm intensificado, depois de tão dramaticamente iniciadas.

Examinemos a *Bibliografia de obras norteamericanas em tradução portuguesa*, complemento deste trabalho e companheira de outra, também de minha autoria, sobre obras norteamericanas em tradução espanhola, publicada em 1944, em tiragem especial da *Revista iberoamericana*. Vejamos, por exemplo, quais os livros norteamericanos mais lidos no Brasil, nos últimos anos.

Parece-nos que o brasileiro, profundamente grato pela bela lição republicana acima referida, esforça-se agora em estreitar ainda mais os laços que nos unem, especialmente os de natureza humana e pessoal. Traduzida para o português pela primeira vez em 1939, em seis anos uma obra de Dale Carnegie atingiu doze edições, como consequência do intenso desejo de nossos vizinhos de saber *Como fazer amigos e influenciar pessoas!* Nenhum outro livro americano alcançara tanta popularidade, em prazo tão curto.

Outros livros muito procurados nestes últimos anos — além de nossos clássicos, Poe, Twain, Franklin e de nossos romances policiais, também as aventuras de Edgar Rice Burroughs ou as do grande atirador do Far West, o célebre Buffalo Bill, e as incomparáveis criações de Disney<sup>3</sup> — são os seguintes: Thurston Scott Welton, *Método moderno da limitação dos filhos*. 1 ed. 1938 — 7 ed. 1946; Isadora Duncan, *Minha vida*. 2 ed. 1938 — 5 ed. 1945; Margaret

Mitchell, *E o vento levou*. 1 ed. 1939 — 4 ed. 1945; e Paul de Kruif, *Caçadores de micróbios*. 3 ed. 1945. *Como fazer fortuna* (*Think and grow rich*) de Napoleon Hill entrou em segunda impressão em 1946, precedido de *Em busca do amor* por Marie Jenney Howe em 1943. Só chamo a atenção sobre êstes como exemplos de livros que têm passado por várias edições no Brasil — e não como amostra do gôsto estético do brasileiro, gôsto que é muito variado e compreensivo.

Seria difícil definir ou delimitar o interesse do brasileiro pelo livro norteamericano<sup>4</sup> nêstes últimos seis anos. Si evidencia interesse pelo romance social de um Steinbeck, digamos, mostra igual interesse pelos tratados político-econômicos de um Roosevelt ou Wallace. Quer manter-se em dia com os acontecimentos internacionais através da leitura de *Trinta segundos sobre Toquio* de Ted W. Lawson, *A política exterior dos Estados Unidos* de Walter Lippman, e *A alemanha por dentro* de Louis P. Lochner. Muitos médicos têm-se formado aqui — e um dos resultados é evidente no crescente número de obras médicas traduzidas em português e impressas em pelos brasileiros. O Brasil está acelerando o ritmo de sua industrialização e procura nossos livros científicos para facilitar o ensino e preparo de seus futuros técnicos. Mas também é urgente uma solução para muitos problemas agrícolas — e a resposta vem do Ministério da Agricultura com um extenso programa, de traduções de mais de cem panfletos entre os publicados pelo nosso próprio Department of Agriculture. O Governo brasileiro lança um programa de treinamento de seu próprio pessoal; o DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público) considera uma fase básica do programa a tradução de uma série de nossos melhores estudos sobre a matéria. Tudo isso demonstra que o interesse brasileiro pelo livro americano abarca quase todo o escopo da nossa indústria editora.

Assombra, realmente, o número de obras traduzidas num prazo relativamente curto. Até 1946, o total, em todos os gêneros literários —excluído obras do tipo de Nick Carter e os manuais técnicos e agrícolas em geral— excede mais de 650 livros diferentes, tendo sido a grande maioria traduzida de 1940 para cá. De fato o número compara mais do que favoravelmente com o número traduzido para o espanhol, que alcança presentemente a mais de 1200. O total é realmente considerável si levamos em conta o fato de que foram omitidas na bibliografia muitas obras traduzidas e publicadas em

Portugal que não me compete incluir por eu ter tido acesso a poucas fontes bibliográficas lusitanas. É de assombrar também, em vista da grande carestia do papel e de outros obstáculos consequentes da guerra; mas pode-se dizer que graças a essa mesma guerra que fechou o mercado europeu ao livreiro brasileiro, estreitaram-se concomitantemente as relações entre as casas editoras norteamericanas e brasileiras, aproximação favorecida e apoiada por ambos governos.

É interessante percorrer os nomes de alguns autores americanos cujas obras foram traduzidas recentemente (1940-1948) para o português. Depois dos nomes segue uma cifra indicativa do número de obras traduzidas: Louis Bromfield (10), Pearl Buck (8) —mais do que em espanhol, Erskine Caldwell (5), Dos Passos (3), Lloyd Douglas (6)— de quem não tenho informação sobre traduções em espanhol, Dreiser (3), Edna Ferber (3), Rachel Field (3), Waldo Frank (1) —que acaba de aparecer, sendo o autor muito menos conhecido do que em espanhol, Hemingway (3), Sinclair Lewis (1), Saroyan (1), Upton Sinclair (6)— em comparação com 17 obras em espanhol, e Steinbeck (8). Não me refiro aqui a certos “best-sellers” dos últimos anos, que como *Fruta estranha* de Lillian Smith e *Entre o amor e o pecado* (*Forever amber*) de Kathleen Winsor, começam a aparecer no Brasil quase que simultaneamente com a primeira edição americana. Esta prática tornar-se-á provavelmente regular, de agora em diante, em vista dos entendimentos entre algumas casas editoras brasileiras e americanas que concordaram na troca de cópias dos manuscritos antes da sua primeira publicação.

Convém ainda chamar atenção para o fato de que, entre os nossos clássicos e modernos, faltam alguns que até hoje não foram traduzidos para o português. É de estranhar especialmente a completa ausência de obras —não me refiro a poemas ou obras curtas— dos seguintes autores: Sherwood Anderson, Richard Henry Dana, Lafcadio Hearn, O Henry, Eugene O'Neill, Washington Irving — apenas duas traduzidas e só em 1943, Thoreau, Bret Harte, e James T. Farrell. Apesar destes e outros que não aparecem, pode-se dizer que o brasileiro está mais ou menos ao par da nossa melhor produção literária.

Também é interessante fixar a atenção, um momento, na lista dos nomes dos tradutores. Dentre eles o mais conhecido será tal vez Monteiro Lobato (1886-1948), o mais popular entre os escritores

de livros infantis do Brasil, senão de tóda América, *conteur* notável, fundador da indústria do livro brasileiro —para citar somente alguns poucos títulos a que tem direito; Manuel Bandeira— reconhecido poeta e acadêmico; Tristão de Athayde e Sérgio Milliet — ambos dos melhores críticos e estetas atuais; o contista e dramaturgo Raimundo Magalhães Júnior; Fernando Tude de Souza, um dos mais ativos e dedicados jovens educadores de hoje, que tem a seu crédito a tradução de mais de trinta obras americanas; e o jovem crítico mineiro Oscar Mendes, tradutor, com Milton Amado, das obras completas de Poe. Mas é justo observar que êstes, e outros, são muito mais do que apenas tradutores porque para êles a tradução é a maneira mais fecunda de tornar conhecidas, entre os seus compatriotas, as nossas figuras de relêvo que têm para o Brasil uma mensagem valiosa. Por isso, vemos que o brilhante articulista democrático do *Correio da manhã*, Carlos Lacerda, se dedica com fervor especial à obra e à vida de nosso Jefferson. Era de esperar que um Graciliano Ramos se interessasse pelas *Memórias* de Booker T. Washington, e também que outro célebre romancista do grupo nordestino, Raquel de Queiroz, se entusiasmasse pelos quadros de terra sêca tão universalmente conhecidos, de nossa Pearl Buck.

Infelizmente é pequeno o total de livros por êles traduzidos, pequeno demais para garantir, em geral, qualidade uniforme nas traduções. Há casos mesmo notórios, especialmente no campo das ciências e da medicina, de livros imperdoavelmente mutilados no seu trajeto do inglês para o português. Há muito tempo que se publica semanalmente no *Diário de notícias* do Rio, uma coluna intitulada “A margem das traduções,” na qual são expostos alguns dos erros e deslizes, ainda por demais frequentes, em obras traduzidas para o português. Qualquer um dêesses artigos merece bem ser lido. Em maio de 1946, por exemplo, saiu uma crítica de um livro de Upton Sinclair, *O fim do mundo*, publicado por Olympio em 1941. O autor do artigo contrista-se ter de criticá-lo, tratando-se de trabalho assinado por nome tão conhecido nas letras brasileiras como é o de Lúcio Cardoso. Defende-se dizendo: “Mas, como não é menos ilustre o do autor do romance e como o trabalho do tradutor . . . e totalmente desprimoroso, é nossa tarefa criticá-lo, apontando-lhe os senões, vários dêles graves e alguns até risíveis.” Então generosamente elogia as traduções espanholas: “Aqui não se sonha com aquela natu-

ralidade de linguagem que se nota nas traduções castelhanas de livros ingleses, traduções que mais parecem livros originais, tão cerradamente castelhanas são elas, sem nenhum travo da língua do texto primitivo... Mas ao menos decência nos períodos, ao menos sentido, o sentido que lá está, vivo e fresco, no inglês fluente de Upton Sinclair!" Vejamos alguns exemplos: onde Sinclair diz: "His mother would be waiting *in their suite*," lê-se em português: "... a mãe estaria à espera dêste *com pessoas de sua predileção*;" "flower-bed" sae "leito de flores," em vez de "canteiro de jardim" ou "alegrete," — aqui o nosso crítico faz o seguinte aparte: "Nêsse andar, acabara vertendo o inglês 'horseshoe' por 'sapato de cavalo'." Para quem chega a tal, é natural que a baronesa de Sinclair, que tinha "one of those *henna heads*" por usar nos cabelos uma tintura vermelha, ostentasse para o nosso desrepeitoso tradutor "uma cabeça de *hiena*!"

Mas é de estrita justiça acrescentar que o livro que comentamos foi traduzido para o português em 1941 e que desde então vem-se notando um esforço geral considerável, no sentido de melhorar as traduções. Ai está o ótimo exemplo dado por certos ministérios do govêrno, contratando como tradutores e como técnicos pessoas as mais competentes quer em agricultura ou administração pública. E uma das mais importantes casas editoras brasileiras já entrou em entendimentos bilaterais com as nossas para assegurar melhor seleção e tradução de suas respectivas obras. Por exemplo, Érico Veríssimo serve agora como conselheiro da Caça Macmillan e do Globo. Não quero insinuar com isto que as más traduções tenham desaparecido do mercado brasileiro, mas sim que se está procurando despertar a consciência dos livreiros de ambos países, o que já é grande coisa.

Vemos, pois, que o interesse do brasileiro pelos nossos livros não tem sido pequeno nos anos recentes. Mas vejamos agora o que êle pensa dêles. Nêste caso a nossa bibliografia quase nada revela. Até cinco anos atrás, havia apenas um ou outro estudo fragmentário sôbre uma dada fase de nossa literatura.<sup>5</sup> Entre êles, o mais interessante e ao mesmo tempo o mais antigo que conheço, é o breve ensaio intitulado "Nota sôbre a literatura da América do Norte," da autoria do célebre mulato sergipano Tobias Barreto (1839-1889) escrito em 1886.<sup>6</sup> Mesmo uma olhadela rápida na obra dêste filósofo e poeta liberal revela a sua fecunda familiaridade com a vida

espiritual inglesa e americana, adquirida, segundo o seu devotado amigo e redator, Sylvio Romero, através da leitura “dos melhores autores, já na própria língua e já principalmente em traduções alemães.”<sup>7</sup> Por isso, não emite juízo ocioso quando se sente forçado a admitir que “um bom livro escrito em inglês é hoje, na maioria dos casos, um livro americano.” Acha que, no domínio das belas letras, a América realiza “alguma cousa de semelhante à colossal concorrência desse país no domínio material. A América já fornece uma grande parte da nutrição da Europa: dá-lhe o seu barato petróleo, dá-lhe a sua luz elétrica.” Isto em 1886. Acha ainda que a nossa literatura daquela época assumia “cada vez mais um caráter nacional,” a deixar-se entrever já uma diferenciação nacional nos escritores precedentes mesmo como Longfellow, Bryant, Poe, Irving, e “até o Nestor dos homens da pena na América — Benjamin Franklin.” Para êle “a poesia americana se assinala por um traço preponderantemente idealístico... Como em nenhum outro país, a poesia alí é uma missão e aos poetas americanos deve-se dar sincero testemunho de haverem até hoje cumprido essa missão cultural com tôda a consciência da sua importância.” E termina profetizando um futuro igualmente brilhante para a nossa América no campo estético-espiritual: “Uma nação, por conseguinte, cujo materialismo, tantas vêzes mal-sinado, admite semelhante idéia de um dever nacional para com a literatura, não tem somente um futuro na monstruosa aposta dos povos sobre os pôrtos e praças commerciaes do mundo; altos destinos também se lhe reservam no puro domínio da vida espiritual.”

A primeira e única história brasileira sobre nossa literatura só aparece em 1944, trabalho do jovem crítico paulista Brenno Silveira, *Pequena história da literatura norteamericana*. Realmente não é mais do que “um estudo biográfico” da nossa literatura, reduzindo-se principalmente a uma série de biografias de sessenta e um de nossos maiores vultos desde 1800 até a atualidade. Em geral boas, oferecem, em conjunto, uma sinopse clara do que é a nossa herança literária. O autor me perdoará, porém, reproduzir aqui a primeira frase do seu bem acolhido livro. Começa com uma referência geográfica errônea, quase equivalente a alguns dos nossos famosos e inofensivos disparates em relação à geografia do Brasil: “A literatura norteamericana começou com os primeiros escritos dos colonizadores de Jamestown,

na Baía de Massachusetts.” Apresso-me em assegurar que no livro êsse engano é apenas um acidente.

Verdade é que anteriormente já existiam as conferências de Érico Veríssimo, *Viagem através da literatura americana* e de Carolina Nabuco, *História literária dos Estados Unidos*, promovidas pelo Instituto Brasil-Estados Unidos do Rio <sup>8</sup> e publicadas em folhetos que hoje dificilmente podem ser obtidos. Bem feitas e interessantes como são, reduzem-se principalmente ao inevitável catálogo de nomes e tendências, em parte por ser, como confessa a autora de *A sucessora*, “tarefa difícil resumir em tão curto espaço tão vasto assunto.” Outros estudos mais recentes, e de maior circulação talvez, são o penetrante *Ensaio de interpretação da literatura norteamericana* (1945) da brilhante escritora carioca Lúcia Miguel Pereira e o conjunto de ensaios intitulado *Escritores norteamericanos e outros* (1943) do paulista Rolmes Barbosa, êste último comentado favoravelmente por mim na *Revista iberoamericana*. <sup>9</sup> Existe também uma ou outra antologia de impressões sôbre vários aspectos da nossa vida e cultura; <sup>10</sup> mas nelas pouco há sôbre nossas letras. E para preencher essas lacunas não há nem mesmo traduções de nossa própria crítica literária, tais como as que, por exemplo, circulam no mundo espanhol, de autores como Parrington, Pattee, Trent, e Van Doren, para não mencionar outros mais recentes. Só em 1947 aparece a primeira história de nossas letras traduzida em português: *A literatura dos Estados Unidos* pelo professor Morton D. Zabel, a quem me refiro mais adiante.

Mas não se deve acreditar que o interesse do brasileiro pela nossa cultura literária limite-se a êsses estudos isolados. Nos últimos anos os jornais e as revistas literárias do Brasil vêm dedicando espaço considerável à resenha e à crítica de nossos livros. Veja-se, por exemplo, o número 7 (agosto de 1943) da *Linterna verde*, boletim da Sociedade Felipe d’Oliveira, o qual é dedicado, inteiro, a nosso país, <sup>11</sup> e também os artigos de crítica citados sob os nomes dos seus autores na *Bibliografia* e publicados em revistas como *Leitura* e *Anuário brasileiro de literatura* e nos suplementos semanais dos grandes diários do Rio e de São Paulo. Apesar de tudo, essa crítica é pouca na verdade, pouca até em comparação com as apreciações da nossa literatura, publicadas em espanhol.

O teatro oferece mais uma manifestação do interesse do brasileiro de hoje por outro aspecto de nossa vida cultural. Raimundo Ma-



galhães, conhecido dramaturgo e crítico dramático, no fim de 1944 voltou dos Estados Unidos entusiasmado pelo que vira da qualidade e vitalidade de nosso teatro contemporâneo. Nos jornais, pelo rádio e em conferências divulgou a sua admiração e tentou transmitir o mesmo entusiasmo aos seus patrícios. Entre outras coisas escritas e faladas, é interessante o comentário d'ele sobre o teatro negro norte-americano: "Dos Estados Unidos têm chegado ao Teatro do Negro Brasileiro significativas manifestações de simpatia e de estímulo." Concretizando, informa que O'Neill cedeu grátis *O Imperador Jones* e Langston Hughes fez o mesmo em relação a *O imenso mar*. Este também ofereceu autorização e cópia grátis do *Mulatto*. Outros brasileiros também, como Carlos Lacerda por exemplo, confessam publicamente o seu apreço pelo teatro norte-americano, considerando-o dos mais interessantes do teatro moderno mundial, opinião secundada pelo erudito austríaco, Otto Maria Carpeaux, residente no Brasil.

Limitando-nos aos últimos anos, convem lembrar que a melhor peça de uma nova companhia teatral formada no Rio em 1945 — de que a primeira atriz era Bibi Ferreira, filha de Procópio — foi *O sétimo céu* de John Golden e Austin Strong, traduzida para o português em 1938. Quase ao mesmo tempo foi apresentada também *Destlumbamento* (*The shining hour*) de John Keith Winter, obra, ao meu saber, não publicada em português, e *Our Town* de Thornton Wilder, levada pelo grupo "Os Comediantes."<sup>12</sup> O ano 1946 foi ainda mais favorável ao teatro norte-americano quando verificamos que só no Rio foram levadas à cena meia dúzia de peças norte-americanas, entre elas algumas das mais célebres de O'Neill.<sup>13</sup>

Aquí convem chamar atenção para as atividades de divulgação literária do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos do Rio é de São Paulo, Porto Alegre, Bahia, Curitiba, etc. Consulte-se a lista de palestras por brasileiros e norte-americanos anunciadas na sua revista desde 1943, e veja as muitas páginas desta dedicadas à crítica e à tradução da nossa literatura.<sup>14</sup> Da mesma maneira merece atenção especial o fato de que a Universidade do Brasil no Rio, estabeleceu em 1944 uma cadeira de literatura norte-americana, exercida inicialmente pelo ilustre crítico e professor Morton D. Zabel das Universidades de Loyola e de Chicago. Si não me engano é esta a primeira cadeira de literatura norte-americana exercida por professor americano em tôda a Ibero-América. Pelo menos em mais outras

duas universidades do Brasil, oferecem-se cursos sôbre literatura americana: um em Curitiba, na Universidade do Paraná, pelo Dr. Francisco Albizú, e outro no Rio, na Universidade Católica, pelos Drs. Paulo César Machado da Silva — que visitou o nosso país em 1946 e voltou admirador entusiasta de nossa vida e cultura, e Abgar Renault, professor, crítico e tradutor de nossas letras, fino poeta mineiro, antigo diretor do Departamento Nacional de Educação e também professor de literatura inglesa e americana na Universidade do Brasil.

Mas que se pode dizer da literatura norteamericana no Brasil de 1789 a 1940? É, antes de tudo, campo difícilimo de explorar para o investigador de literatura comparada, pela inacessibilidade, senão falta, de boas coleções de livros, em geral, e de publicações periódicas, em particular. Ainda assim, não faltam dados informativos para demonstrar que o brasileiro conhecia alguma cousa sôbre nossos grandes livros e sôbre os vultos proeminentes da época.

Não há dúvida que Benjamin Franklin e James Fenimore Cooper foram os primeiros a serem lidos e até os primeiros a exercerem certa influência no Brasil. No comêco, pelo menos, foram lidos mais em tradução francesa do que no original ou mesmo em português. Evidência dêste fato é o número considerável de obras francesas e de obras traduzidas para o francês que fazem parte das coleções de tôdas as bibliotecas públicas brasileiras.<sup>15</sup>

Seria difícil afirmar a influência ou voga de Franklin no Brasil. Para a América latina em geral, como para todo o mundo do século passado, o bom homem Ricardo representava o nascente tipo americano, prático, metódico, trabalhador, de filosofia burguesa e materialista, homem-modelo da jovem república do norte. Não é provável que os conselhos de Franklin tenham deitado raízes muito profundas no solo imperial brasileiro de outros tempos.<sup>16</sup>

Caso menos discutível e muito comentado foi o de Cooper, especialmente com relação a José de Alencar, "pai do romance brasileiro."<sup>17</sup> David Miller Driver conclue que são os defeitos de Cooper que mais se destacam nos romances indianistas do brasileiro.<sup>18</sup> Alencar nega dívida a Cooper, mas as provas estão na sua obra para quem quizer ver. Afrânio Peixoto acha que Gonçalves Dias também deve muito a Cooper, afirmando que o indianismo patriótico renegou

os nobres parentes brasileiros, “para adoptar Peles Vermelhas e Caboclos, que o nativismo nos oferecia pelas penas de Cooper e de Alencar.”<sup>19</sup>

Há um fato curioso também sobre a sorte no Brasil da *Cabana do Pai Tomaz* de Harriet Beecher Stowe. É o naturalista inglês Spruce<sup>20</sup> que nos fala do seu encontro com um jovem padre português em Vila Nova no Amazonas, equidistante de Pará e Manaus. Levava o Padre Torquato sob o braço uma tradução da célebre obra e falava acaloradamente do grave problema da escravidão nos Estados Unidos. Isto passou-se no ano 1850. *Uncle Tom's Cabin* apareceu em 1851. É evidente, pois, que falhou a memória de Spruce, mas verificamos pelo menos que já naquela época existia uma tradução da obra em português — dado bibliográfico que falta ainda<sup>21</sup> — contemporânea da primeira tradução em espanhol que saiu simultaneamente em Madrid e no México em 1853. E essa desconhecida tradução portuguesa encontrava-se já no Amazonas pouco tempo depois de ter sido publicada, e era, provavelmente, um dos poucos livros existentes naquela vasta e despovoada região!

No artigo “*Uncle Tom's Cabin* in Brazil,”<sup>22</sup> Barbara Hadley afirma que essa novela passou por várias edições brasileiras e que foi publicada em folhetim por todo o país. Além disso, assevera: “It became the subject of plays, poems, and articles as well as the inspiration for a series of novels and stories expressing hatred of slavery.” Infelizmente não oferece a documentação correspondente para que se possa apreciar melhor os diversos aspectos da voga e da influência do romance. No resto do seu ensaio fala do êxito que teve a dramatização da novela. Nesta forma a obra alcançou tôdas as camadas sociais, inclusive os analfabetos, mediante diversas adaptações diferentes, feitas algumas para a alta sociedade e apresentadas por associações abolicionistas desde o Rio até Manaus, e outras para os circos populares. Em Fortaleza, segundo a lenda, “dogmatic advocates of slavery came out of the performance ardent abolitionists, and . . . respectable citizens were moved to conspire for the flight of slaves from plantations.” Uma adaptação popular continua até hoje no repertório do Circo Piolin. A própria senhorita Hadley assistiu a uma representação desta última num bairro popular de São Paulo, e é com uma descrição dela que termina o seu trabalho. Evidente-

mente uma pesquisa escrupulosa traria a luz muitos dados substanciais relativos à influência de nosso romance sobre a ideologia, o romance, e o teatro brasileiros daquela época.<sup>23</sup>

(Continuará)

JOHN E. ENGLEKIRK,  
Tulane University,  
New Orleans, La.

#### NOTAS

1 V. Octávio Tarquínio de Sousa. "Franceses na Bahia," *Correio da manhã* (Rio), 31 de março de 1946.

2 Anos mais tarde, em 1889-1890, quando nasceu a República, A. J. Lamourex, redator do *Rio news*, "traduziu, publicou e distribuiu a Constituição dos Estados Unidos da América do Norte. Os membros da Assembleia Brasileira, que adotou a Constituição Republicana, tiveram exemplares em mão." V. Hugh C. Tucker. "Meus contatos com a nascente República brasileira," *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos (Ribeiro)*, v, 11, janeiro-junho de 1947, pp. 87-89.

3 V. o que responde a Companhia Editora Nacional relativamente à popularidade dos autores estrangeiros no Brasil: "Quanto aos nossos editados estrangeiros, vários nomes devem ser citados, por serem igualmente preferidos pelo público: Edgar Rice Burroughs, o criador de Tarzan, no gênero juvenil; M. Delly, a recordista dos livros românticos; Edgar Wallace, na literatura policial; Will Durant, na filosofia; André Maurois, na biografia; Augusto Forel, em assuntos sexuais; Kipling, Jack London, Victor Pauchet, etc." *Anuário brasileiro de literatura*, 2, 1938, pp. 407-408.

Outro dado curioso daquela época confirma que antes da última guerra os norte-americanos eram pouco lidos no Brasil: "O povo do nosso país, embora conte com escritores nacionais notáveis, ... da-se com intensidade à leitura de autores estrangeiros traduzidos para nossa língua. Infelizmente, esas traduções nem sempre são boas. Eloy Pontes, Mucio Leão, Agrippino Grieco (críticos) vivem verberando os tradutores incompetentes ... Gêneros de literatura inteiramente descuidados entre nos ... são justamente os mais lidos, a citar dois: o policial e o romance para moças. São às dezenas de milhares os livros de Edgar Wallace, Sax Rohmer e de outros, vendidos anualmente no Brasil. Também as novelas de E. Glyn, Dyvonne, Delly. Também 'pegaram' no Brasil: André Maurois, Zweig, Axel Munthe." "Escritores estrangeiros cujas traduções são mais lidas no Brasil." *Anuário brasileiro de literatura*, 1, 1937, pp. 292-293.

V. também Agrippino Grieco. "Ai dos livros!" *Revista do Brasil*, vi, 55, pp. 137-140 (reproduzido do *Jornal*).

4 Em comparação com as observações da nota anterior, sobre a quase completa falta de interesse no livro americano nos anos de 1937 e 1938, merece referência a observação de Samuel Putnam em 1943, que afirma que naquele ano a influência mais pronunciada sobre o cenário literário do Brasil parecia vir dos Estados Unidos, repetindo as palavras de Broca Brito, publicadas em *Cultura política*: "Estamos em plena voga das letras ianques." Brazilian literature — General statement," *Handbook of Latin American Studies*, IX, 1943, p. 394.

Erico Veríssimo faz o seguinte resumo do assunto: "De 1935 para cá começaram a aparecer entre nos traduções de livros norteamericanos. A princípio foi uma onda tímida, morna e tateante que com o correr do tempo cresceu até se transformar nessa vaga avassaladora, barulhenta e sempre montante que envolve os leitores, arrebatá-os, desperta-lhes paixões e faz que nossos críticos lancem ao ar esta pergunta aflita: 'Poderão ser levados a sério livros que se tornam assim tão rápida e universalmente populares?' Já tenho lido e ouvido frases como estas: 'Paremos com as traduções! Elas estão sufocando a literatura nacional.' O êxito desses livros que nos vêm do norte do continente não passa de triste consequência de uma propaganda cinematográfica que prefere cortejar o gosto fácil do público, a satisfazer as exigências da boa literatura." *Viagem através da literatura americana*, Rio, Instituto Brasil-Estados Unidos, s. d., p. 12.

5 V., por exemplo, o arquivo de uma revista tão recente como *Aspectos* (Rio, 1937-1942), "mensário de cultura e arte, no gênero o primeiro do Brasil," que tinha como "uma das suas preocupações... a boa amizade entre vizinhos e não vizinhos, salientemente do continente." Fora dos artigos obrigatórios sobre as relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos, dedica apenas algumas páginas biográficas a Poe — e nada mais!

6 V. "Crítica" da *Bibliografia* anexa.

7 "Prefácio" a Tobias Barreto, *Polêmicas*. Rio, Laemmert, 1901, p. xiv.

8 Outras palestras promovidas e publicadas pelo IBEU, numa série intitulada "Lições da vida americana," são: *A imprensa americana e sua influência no Brasil*, por Nóbrega da Cunha; *A contribuição americana à educação*, por Mário de Andrade; *A ciência à serviço da agricultura americana*, por Heitor Grillo; *Contribuição americana à medicina*, por Oswaldo Pinheiro Campos; *O cinema e sua influência na vida moderna*, por Anibal M. Machado; *Influências americanas nas letras brasileiras*, por Pedro Calmon; *O papel das artes na América*, por Douglas Fairbanks Júnior; *A mobilização americana*, por Ari Maurell Lobo; *A contribuição americana à filosofia da vida*, por Hermes Lima; e *As influências políticas angloamericanas em Ruy Barbosa*, por Homero Pires.

9 VII, 13, novembro de 1943, pp. 197-202.

10 V. "Crítica" e "Antologias" da *Bibliografia* anexa.

11 V. "Antologias" da *Bibliografia* anexa para um índice das matérias dêste número.

12 Thornton Wilder goza recentemente de muita popularidade no Brasil, devido, em parte pelo menos, às atividades dos vários institutos culturais, especialmente à União Cultural Brasil-Estados Unidos de São Paulo cujo Little Playhouse triunfou com a apresentação de *A happy journey*, a 28 de novembro de 1947, e mais tarde a 15 de junho de 1948, quando do décimo aniversário da fundação da União, com a apresentação de *Our Town* na Escola Caetano de Campos.

13 V. Raymond Sayers, "O teatro norteamericano (1916-1946)," *Ribeiro*, v, 11, janeiro-junho de 1947, pp. 68-80.

14 V. também a nota 8 desta, com referência às palestras da série "Lições da vida americana."

15 Na Biblioteca Nacional do Rio e na Biblioteca Pública da Bahia existem vários exemplares das primeiras traduções de Cooper em português, publicadas em Lisboa e em Paris nos anos 40 e 50 do século passado; mas o que tem maior significação e o fato de serem mais numerosas ainda as traduções francesas de Cooper, de quem, por exemplo, a Biblioteca Pública da Bahia possui 27 livros, traduzidos todos da edição de Pagnerre de Paris, nos anos de 1850 a 1860.

16 Não obstante, há quem afirme o contrário. No seu artigo "Contribuição norteamericana à educação no Brasil," publicado na *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos*, iv, 10, 1946, p. 35, Francisco Venâncio Filho crê encontrar a mais remota das contribuições norteamericanas, no campo de idéias e doutrinas educacionais, no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, cuja tradução portuguesa "foi livro de leitura de escola primária no interior do Brasil, na segunda metade do século XIX." Logo relata como Afrânio Peixoto viu um exemplar desta mesma edição numa exposição de livros juvenis promovida pela Biblioteca Pública de New York. Viu-o "com olhos comovidos" porque foi através dessa mesma edição que "no interior de Bahia o grande homem de letras e de ciências adquiriu o instrumento maravilhoso que lhe fez a sua e a nossa glória."

17 V. Isaac Goldberg. *Brazilian literature*, New York, Knopf, 1922, pp. 95-97; e Samuel Putnam. *Marvelous journey*, New York, Knopf, 1948, pp. 149-150.

18 *The Indian in Brazilian literature*, New York, Hispanic Institute in the United States, 1942, pp. 106-107. Outro comentário mais recente é de María Luisa Garzón de la Casa, intitulado *La sombra de Cooper sobre el americanismo de Alencar*, México, Hispanic Institute in the United States, 1944.

19 *Noções de história da literatura brasileira*, Rio, Francisco Alves, 1931, p. 296. O capítulo vi do livro (pp. 286-304) é dedicado a um estudo da influência americana no Brasil, o qual foi reproduzido em inglês, quase intacto,

em *Books abroad*, 9 (Spring and Winter, 1935), pp. 3-5, 127-129, num artigo intitulado "American social and literary influences in Brazil."

20 Citado por Victor Wolfgang von Hagen. *South America called them*, New York, Knopf, 1945, p. 253.

21 Lúcia Miguel Pereira, "A primeira romancista americana" (v. Stowe, na *Bibliografia*), p. 71, refere-se a uma tradução portuguesa daquela época: "Uma tradução portuguesa de seu livro correria o Brasil, ajudando aqui a campanha abolicionista."

Samuel Putnam faz a seguinte observação: "It is difficult to fix the exact date of the first Portuguese translation of *Uncle Tom's Cabin* published in Brazil, but the first version in that language was in all probability that of Francisco Ladislav d'Andrada, which appeared at Paris (Chez Rey et Ballate) in 1853." *Marvelous journey*, p. 247, nota 19.

22 *The Inter-American*, II, 10, outubro de 1943, pp. 26-27.

23 "Harriet Beecher Stowe teve influência menos duradoura, porém mais extensa, no mundo; no Brasil, como por toda a parte, a *Cabana de Pai Thomaz* fez chorar e deu forças para a abolição. Aqui, mais necessária a influência, que em qualquer parte, apegados à escravidão que éramos os últimos a abandonar, os mais governados pelo sentimento que somos, entre os povos da terra." Afrânio Peixoto, *obra citada*, p. 297.

Na sua atitude e estilo insuperáveis o anti-monárquico e abolicionista Tobias Barreto confirma e comenta a observação de Afrânio Peixoto: "Eu não sou nenhum *negrófago*, é bem notar, mas também não sou nenhum *fantasta*, que tenha por ventura reforçado as suas idéias abolicionistas na *Cabana de pai Thomaz*, ou outro qualquer livro do gênero, onde o escravo é posto em tal altura de generosidade e grandeza de ânimo, que o arcanjo Gabriel poderia respeitoso curvar-se diante d'ele. Eu desejo a abolição de todas as instituições caducas... Nêste caso está sem dúvida a escravidão. Porém entendamo-nos: nêste caso está também a monarquia." *Varios escritos*. Rio, Laemmert, 1900, p. 246.

